

4º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ARQUITETURA VERNÁCULA POPULAR: TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE . ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

CASAS DE POLACO: A APLICAÇÃO DO SISTEMA *DOM WEGOWY* NO PARANÁ

CASAS POLACAS: APLICACIÓN DEL SISTEMA DOM WEGOWY EN PARANÁ

POLISH HOUSES: APPLICATION OF THE DOM WEGOWY SYSTEM IN PARANÁ

EIXO TEMÁTICO: Arquitetura vernácula popular: memórias, documentação e preservação.

SGARBOSSA, Gabriela Kratsch

Mestre; UEPG

gsgarbossa@uepg.br

SILVA, Ricardo Dias

Doutor; UEM

rdsilva@uem.br



RESUMO

A madeira é um dos materiais mais utilizados na arquitetura vernácula, em diversas aplicações, garantindo uma grande variedade plástica das edificações, sendo que no sul do Brasil possibilitou a instalação dos imigrantes europeus, em meados do século XIX, com o emprego da madeira em suas edificações. Dentre esses imigrantes, os poloneses e ucranianos, provenientes da Galícia, possuíam grande habilidade na construção de edificações com troncos, e reproduziram algumas de suas técnicas na construção de habitações na região de Curitiba. Assim, o objetivo deste artigo é, a partir de levantamentos bibliográficos, analisar o sistema construtivo denominado *dom wegowy*, buscar compreender suas origens, bem como seus desdobramentos no Paraná, estado que possui grande tradição florestal e madeireira. Pode-se concluir que, mesmo que o imigrante não tenha introduzido o uso da madeira nas edificações, a influência destas edificações é significativa, por demonstrar o modo de vida de um grupo étnico fundamental para a formação do estado do Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura da imigração; construções de troncos; casas de madeira; imigração eslava.

RESUMEN

La madera es uno de los materiales más utilizados en la arquitectura vernácula, en diversas aplicaciones, garantizando una amplia variedad plástica de construcciones, y en el sur de Brasil posibilitó la instalación de inmigrantes europeos a mediados del siglo XIX, con el uso de madera en sus edificios. Entre estos inmigrantes, los polacos y ucranianos, procedentes de Galicia, tenían gran habilidad en la construcción de edificios con troncos, y reprodujeron algunas de sus técnicas en la construcción de viviendas en la región de Curitiba. Así, el objetivo de este artículo es, a partir de levantamientos bibliográficos, analizar el sistema constructivo denominado *dom wegowy*, buscando comprender sus orígenes, así como su evolución en Paraná, estado que posee una gran tradición forestal y maderera. Se puede concluir que, aunque el inmigrante no introdujo el uso de la madera en las construcciones, la influencia de estas construcciones es significativa, ya que demuestran el modo de vida de un grupo étnico fundamental para la formación del estado de Paraná.

PALABRAS CLAVE: arquitectura de la inmigración; construcciones de troncos; casas de madera; Inmigración eslava.

ABSTRACT

Wood is one of the most used materials in vernacular architecture, in various applications, guaranteeing a wide plastic variety of buildings, and in the south Brazil it made it possible for European immigrants to settle in the middle of the 19th century, with the use of wood in their buildings. Among these immigrants, the Poles and Ukrainians, coming from Galicia, had great skill in constructing buildings with logs, and reproduced some of their techniques in the construction of houses in the Curitiba region. Thus, the objective of this article is, based on bibliographical surveys, to analyze the construction system called *dom wegowy*, seeking to understand its origins, as well as its developments in Paraná, a state that has a great forestry and timber tradition. It can be concluded that, even if the immigrant did not introduce the use of wood in buildings, the influence of these buildings is significant, as they demonstrate the way of life of an ethnic group fundamental to the formation of the state of Paraná.

KEYWORDS: immigration architecture; log constructions; wooden houses; slavic immigration.



INTRODUÇÃO

De acordo com Weimer (2012), a chamada arquitetura popular, é aquela própria das camadas intermediárias da população e por eles realizada, simbolizando o resultado da evolução secular e das tradições culturais de um determinado grupo. Considerando que uma das características mais marcantes da vivência humana é a capacidade de adaptação em diferentes contextos, entende-se que arquitetura busca solucionar de forma despretensiosa os problemas propostos pela comunidade, possuindo características únicas e intuitivas, baseadas em saberes hereditários, capazes de representar a tradição construtiva de uma comunidade.

O autor ainda demonstra cinco características básicas encontradas na arquitetura popular, sendo elas a simplicidade da solução, que é o resultado dos materiais obtidos no ambiente, a capacidade de adaptação de soluções tradicionais a novos sítios, criatividade na solução formal e aplicação dos materiais, a forma plástica como resultado da aplicação dos materiais e não como intensão primordial. Em consonância, Teixeira (2008) discute que as diferentes culturas que formam o Brasil influenciam para que a arquitetura tradicional varie de acordo com a região e contexto em que está inserida, com técnicas e tipologias variadas, dependendo das condições climáticas, disponibilidade de materiais e modo de vida das comunidades.

Podem ser considerados materiais típicos desta tipologia de construção a terra, seja empregada nos diversos sistemas de taipa ou em tijolos de adobe, bambus e outras fibras vegetais, pedras, couros de animais e a madeira, tanto como suporte estrutural, quanto como vedação. No caso da madeira, é um material que permite uma grande variedade de soluções, sejam elas populares ou não. Contudo, no caso da construção espontânea, é considerada um dos materiais que mais permite criatividade e inventividade ao construtor (BATISTA, 2011).

A partir do século XIX, com a abertura dos portos, associada ao surgimento de novos materiais industriais e a chegada dos imigrantes europeus, a arquitetura brasileira passa por grandes transformações. Enquanto nos centros urbanos passa a ser adotado o estilo eclético, no interior e no meio rural, o imigrante munido apenas de seu conhecimento e ferramentas rústicas, passa a reproduzir, de maneira muitas vezes simplificada, as técnicas e formas construtivas tradicionais em suas regiões de origem com algumas adaptações.

No caso do estado do Paraná, considerado um dos mais importantes destinos dos imigrantes eslavos, os conhecimentos prévios desta população na arquitetura de troncos, associado à



disponibilidade de madeira originada Mata Atlântica, em especial a Araucária ou Pinho (*Araucaria angustifolia*), produz características singulares na arquitetura popular. As casas executadas no sistema construtivo de troncos falquejados encaixados, também conhecidas por Dom Wegowy, surgem antes do Ciclo da Madeira (primeira metade do século XX), sendo a adaptação do sistema tradicional europeu para a realidade local, tendo maior ocorrência nas áreas periféricas de Curitiba e em sua atual região metropolitana (IMAGUIRE JR, 1982).

Não é possível atribuir a essas casas o início da tradição construtiva em madeira no Paraná, mas, esse padrão, em conjunto com a casa cabocla, demonstra uma grande influência nos modelos posteriormente adotados. Desde modo, essa arquitetura deveria ser de especial interesse de pesquisa, tendo em vista a grande importância da imigração eslava, bem como a relevância do ciclo madeireiro para a formação sociocultural e desenvolvimento do estado. Contudo, as publicações e estudos que tratam especificamente desta tipologia no Brasil são escassos. Assim, o objetivo deste estudo é analisar as principais características encontradas nessas edificações e demonstrar a sua contribuição para o desenvolvimento da arquitetura em madeira na região.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotou-se a metodologia de revisão integrativa de bibliografia, com o objetivo de analisar na literatura pertinente ao tema as principais características e técnicas construtivas adotadas na arquitetura produzida pela primeira geração de colonos poloneses no Paraná, especialmente aqueles inseridos na atual Região Metropolitana de Curitiba, bem como as principais influências da arquitetura tradicional polonesa no modelo adotado, assim como as principais contribuições para o desenvolvimento da arquitetura em madeira no estado.

De acordo com Ramos (2006), os povos eslavos eram uma população nômade que ocupavam áreas de florestas e pântanos em uma região onde atualmente se estabelecem a Ucrânia, Polônia e Rússia. Devido à modificação dos limites territoriais ao longo dos séculos, poloneses e ucranianos se converteram em grupos étnicos com relativa afinidade cultural (BORUSZENKO, 1969). Neste trabalho, os termos “eslavo” e “polonês” serão adotados como sinônimos.

Foram estabelecidas quatro etapas de pesquisa, a primeira refere-se à seleção e estudo da bibliografia clássica pertinente ao tema. Deste modo, foram selecionados os trabalhos de Imaguire Jr (1982); Valentini (1982) e Larocca Jr; Larocca e Lima (2008), que apresentam de



forma clara e sistemática, as principais características arquitetônicas adotadas por esse grupo de imigrantes, bem como materiais e técnicas utilizadas.

Em um segundo momento, procurou-se realizar o estudo da bibliografia complementar. Para tanto, foram selecionados nas bases de dados Scielo, portal de periódicos da CAPES e Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações estudos que fizessem referência à imigração polonesa e ucraniana no Paraná, a arquitetura produzida por esses imigrantes e à arquitetura em madeira na região de Curitiba e na região sudeste do estado. Foram selecionados para análise os trabalhos de Alves (2014), Batista (2011) e Bernardo (2014), que permitiram examinar além dos aspectos arquitetônicos, os aspectos socioculturais referentes à esse grupo.

A terceira etapa de desenvolvimento envolveu o levantamento de bibliografia sobre a arquitetura tradicional em madeira na Polônia, especialmente na região da Galícia, principal origem dos imigrantes eslavos que se dirigiram ao Brasil. As buscas foram feitas na base de dados JSTOR, utilizando os termos *folk architecture*, *wooden architecture*, *log house* e *Poland*. Os trabalhos selecionados foram os de Philipp (1947), por ser uma referência na área e o de Baniowska-Kopacz (2014), por apresentar uma análise aprofundada realizada na região de abrangência previamente selecionada.

Finalmente, após a seleção dos trabalhos, foram realizadas leituras exploratórias e seletivas do material e a análise interpretativa dos dados. Com a finalização da interpretação dos dados foi desenvolvida a redação do texto final, subdivididos em quatro temáticas principais, sendo a imigração no Paraná, os antecedentes arquitetônicos da população eslava, as principais características do sistema dom wegowy, bem como as principais contribuições do sistema para o desenvolvimento da arquitetura local.

IMIGRAÇÃO NO PARANÁ

De acordo com Alves (2014), as políticas migratórias brasileiras se diferenciam dos outros países americanos por ter sido planejada e, até certo ponto auxiliado pelo estado. No caso paranaense, especialmente após o ano de 1853, data da Emancipação Política, passou a ser estimulada a atração de imigrantes europeus para o território estadual. Enquanto em outras regiões o objetivo se relacionava com a necessidade de mão de obra, no caso paranaense o principal objetivo era promover a ocupação do território, que possuía população aproximada em 60.000 habitantes,



distribuídos em 19 cidades, vilas e freguesias, localizadas principalmente na porção leste do estado, próximos da costa e da Serra do Mar, ao longo das rotas tropeiras (VALENTINI, 1982).

Outra finalidade para a atração de imigrantes era a criação de minifúndios baseados na agricultura familiar, afim de promover o abastecimento alimentar da população local. Com estes propósitos, entre os anos de 1880 a 1900 foram criadas no estado 40 colônias agrícolas para imigrantes europeus de diversas localidades. Contudo, dentre as diversas etnias, a presença eslava detinha relativa expressão, tendo em vista que dos 133.331 imigrantes estabelecidos no Paraná entre 1829 e 1934, aproximadamente 35% eram de origem polonesa e 14% de origem ucraniana (VALETINI, 1982).

A principal origem dos imigrantes eslavos que se dirigiam ao Brasil era a Galícia, fronteira entre Polônia e Ucrânia, especialmente das cidades de Gorlice, Malopolska e Podkarpacie, marcada por um grande período de invasões e conflitos armados, cuja população era majoritariamente camponesa, trabalhando em regime de servidão (ALVES, 2014). Os grupos que chegavam ao Paraná, faziam parte das comunidades mais atrasadas e conservadoras, compostas por pequenos proprietários de terra e arrendatários, que possuíam entre 2 a 3,9 hectares de terra. Mesmo os intelectuais e artesãos destas regiões que se deslocavam ao Brasil, procuravam trabalho no campo, enquanto aqueles que se dirigem aos Estados Unidos, se tornam proletários industriais urbanos (LAROCCA JR; LAROCCA; LIMA, 2008)

Tanto o governo federal quanto o estadual incentivavam a vinda dos imigrantes. Nos países europeus que a população se mostrava propensa, havia a instalação de escritórios de recrutamento, e, muitas vezes, os interessados ganhavam sua passagem gratuitamente. Chegando ao Paraná, o governo local doava ou vendia a baixo custo, com condições de pagamento facilitadas, terras para cultivo a homens maiores de 18 anos. Havia também ajuda de custo para a construção de moradia, ferramentas para uso agrícola e possibilidade de trabalho na abertura de estradas afim de manter a família antes da primeira colheita (ALVES, 2014).

A vinda do imigrante eslavo para o Paraná pode ser considerada indutora do desenvolvimento local, tendo em vista a formação de uma classe média agrícola, baseada na agricultura familiar, bem como oportunizou a ocupação do interior, sendo que muitas das colônias estabelecidas no decorrer do século XIX, tornaram-se cidades em anos posteriores. A chegada ao novo território envolveu inúmeros desafios, entretanto, garantiu a posse da terra, o acesso ao trabalho e a liberdade civil e religiosa almejada.



A ocupação dos colonos foi direcionada para a área circundante à malha urbana curitibana e à margem direita do Rio Iguaçu, em áreas de mata de araucária. As colônias eram estabelecidas próximas à centros consumidores, preferencialmente próximas às margens de estradas existentes, sendo que naquelas mais distantes de áreas de urbanização consolidada, eram construídos também uma escola e uma igreja. Os lotes possuíam área aproximada em 20 a 25 hectares, locados em estradas traçadas em linhas retas (LAROCCA JR; LAROCCA; LIMA, 2008).

A implantação das moradias era distante entre si, entre 300 a 500 metros, o que dificultava a formação de aldeamentos. Deste modo, a igreja assume a função de organizar e agregar a comunidade, contribuindo para que as principais relações sociais desenvolvidas pelos colonos estivessem polarizadas entre a própria casa, que era o espaço de trabalho, e a igreja, o espaço de expressão de religiosidade e convívio com a sociedade. Mesmo com todas as dificuldades, a população eslava reconhecia sua melhoria na qualidade de vida, e conservava seus valores associados ao trabalho agrícola, a unidade familiar e a religiosidade (ALVES, 2014).

ANTECEDENTES ARQUITETÔNICOS

Tendo em vista a tradição florestal presente em toda a Europa Central, a madeira se tornou um material de construção bastante característico na região. No caso do território atualmente reconhecido como polonês, os habitantes tornaram-se com o tempo habilidosos artesãos na construção em madeira, encontrando diversas possibilidades na aplicação do material, especialmente nas áreas rurais. Apesar de presentes por todo o país, e executados em diversos momentos históricos, o estilo de construção possui suas peculiaridades em cada região, ainda que na essência, tenham semelhanças. Essas especificidades surgem em decorrência da disponibilidade de materiais e diferenças climáticas de cada região, devendo se considerar também a rusticidade dos equipamentos utilizados bem como das técnicas construtivas (PHILIPP, 1947).

Na Polônia, as evidências mais antigas do uso da madeira na construção são datadas do final da Idade do Bronze, por volta do século VIII a.C. e se localizam no sítio arqueológico de Biskupin, povoado relacionado à Cultura Lusaciana, uma das mais representativas civilizações que habitavam o atual território polonês neste período. O assentamento era constituído por aproximadamente 100 casas com dimensões próximas à 8 x 10 m e outras edificações menores, inseridas em um traçado composto por 11 ruas pavimentadas com tábuas de madeira e



circundado por uma muralha de aproximadamente 6 metros de altura e 450 metros de extensão, executadas em madeira (VICROSKI, 2013).

Estima-se que o povoado abrigava entre 1000 a 1200 habitantes. As paredes das edificações eram constituídas por troncos de coníferas, sendo que a espécie mais utilizada era o abeto (*Abies alba*). As peças eram aplicadas na horizontal com o objetivo de garantir maior estabilidade ao conjunto. A cobertura das edificações era composta por cascas de bétula (*Betula*), muitas vezes recobertas com terra, vegetação e outras fibras vegetais. Em algumas localidades, também eram comuns que as edificações possuíssem embasamentos de pedra rústica.

Entre o século XIX até aproximadamente 1930, a madeira de abeto continuou sendo utilizada como material de construção, apesar do surgimento de novos materiais. Mesmo com o domínio da construção com outras espécies de árvores, os construtores tinham preferência pelo abeto por sua tonalidade mais clara e por sua grande disponibilidade. A arquitetura produzida nesta época na vila de Podhale, na região da Galícia, possui grande semelhança com as edificações de troncos construídos do Paraná com a chegada dos imigrantes.

Apesar da grande tradição em construção de madeira da população eslava, à época, as casas de tronco eram próprias de uma população mais empobrecida e rural, tendo em vista que em outras regiões, especialmente na Polônia, as famílias mais ricas e urbanas construíam suas edificações com tijolos de barro. No caso das casas de troncos da região de Podhale, a volumetria da residência é muito simples, composta por um prisma de base retangular, possuindo um telhado de grande inclinação alinhado ao lado maior do retângulo (figura 1) (BANIOWSKA-KOPACZ, 2014).



Figura 1: Casa em Podhale. Fonte: Banioska-Kopacz (2014, p.86)



As paredes de troncos eram construídas com uma técnica denominada moldura, na qual os troncos eram cortados no sentido longitudinal, e intertravados no encontro das paredes por meio de juntas esculpidas nas extremidades. Eventualmente, poderia haver a fixação das peças por pinos de madeira e cavilhas, no entanto, essa solução não era comum, tendo em vista a grande espessura e peso próprio das vigas, o que dificultava que a estrutura cedesse. Geralmente, eram utilizadas pedras grandes como estacas nos cantos das edificações, enquanto as fundações perimetrais eram compostas por alvenaria de pedras menores, que também eram utilizadas para preencher os vãos entre o solo e o primeiro tronco de madeira (BANIOWSKA-KOPACZ, 2014).

Cada parede era composta por 10 troncos empilhados, sendo que as aberturas para portas e janelas deveriam ser demarcadas previamente. As vergas e contravergas eram os próprios troncos que formavam as paredes, enquanto as ombreiras eram estacas de madeira inseridas nos locais apropriados. Reforça-se a necessidade de projetar as aberturas e detalhes adequadamente, pois a flexibilidade reduzida da estrutura impediria modificações posteriores (PHILIPP, 1947). Muitas vezes os painéis de porta eram ricamente adornados, assim como os tetos das residências, o que atestava a riqueza do proprietário. Os motivos, geralmente representando o sol ou estrelas de seis pontas eram relacionados ao desejo de proteção da morada, porém, data de construção, nome do proprietário e motivos vegetais também eram utilizados (BANIOWSKA-KOPACZ, 2014).

O layout das residências era bastante simples, apesar de terem existido edificações compostas apenas por alcova e um salão de uso múltiplo, essa era uma solução esporádica, ocorrendo apenas em aldeias rurais mais pobres. A solução mais comum era composta por um corredor que atravessava a casa transversalmente, com dois dormitórios, sendo um em cada lado do corredor, seguidos pelas salas preta e branca. A primeira era o ambiente de estar e trabalho, local onde se inseria o fogão, a segunda, espaço de uso cerimonial, onde se expunham as imagens dos santos de devoção familiar, e utilizada primordialmente no verão. Normalmente não há porões nas edificações, contudo, poderia haver um pequeno poço sob os ambientes de trabalho, que criavam um local fresco, próprio para o armazenamento de gêneros alimentícios perecíveis (PHILIPP, 1947).

Os telhados eram altos e inclinados, especialmente devido à ocorrência de nevascas na região. Essa condição garantia a possibilidade de utilização dos desvãos como depósito, sendo que eram guardados nesses espaços os objetos de maior valor que a família possuía. As coberturas eram



primordialmente em tábuas ou telhas de madeira de abeto, no entanto, em regiões onde havia a plantação de centeio em abundância, também eram empregadas coberturas com fibras vegetais (BANIOWSKA-KOPACZ, 2014). Os beirais deveriam ter uma projeção generosa, afim de proteger as paredes da umidade. Em alguns exemplares aparecem nas empenas laterais pingentes semelhantes à lambrequins, assim como nas residências mais antigas há a ocorrência de varandas frontais (PHILIPP, 1947).

A CASA DE TRONCOS

Dentre as tipologias arquitetônicas produzidas no Paraná, durante o final do século XIX e o início do século XX, aquela produzida pelo imigrante polonês se diferencia por seu primitivismo e simplicidade. A ausência de técnicas construtivas mais elaboradas, bem como a dificuldade de obtenção de ferramentas adequadas, desconhecimento dos materiais e clima local, produz construções marcadas pela rusticidade e por sua forma, bastante convencional.

No Brasil, ao contrário do que ocorria na Europa, a grande dimensão dos terrenos não possibilitou a formação de aldeamentos, sendo as residências dispostas entre 300 a 500 metros de distância entre si. Isto, associado à necessidade de criar novos edifícios específicos para as criações de animais, condiciona à organização espacial das edificações no lote, que remete às ancestrais aldeias polonesas, com a habitação bastante vinculada ao trabalho, sendo essa locada próxima à estrada e as edificações de trabalho, como o paiol e a oficina, ao redor da edificação principal (BERNARDO, 2014).

A morada possuía uma planta retangular em esquema fechado e rígido, a cobertura era em dois planos inclinados e alinhada ao lado maior da planta (figura 2). Sua área é bastante reduzida, atingindo em média 45m², sendo que sua compartimentação interna retoma a solução das famílias rurais mais humildes, contendo um dormitório de uso coletivo, antigo salão multiuso, o vestíbulo, e o sótão, que poderia ser utilizado como depósito ou como dormitório exclusivo para os filhos do sexo masculino, geralmente acessado por uma escada bastante íngreme localizada no vestíbulo. A cozinha e as instalações sanitárias eram externas (VALENTINI, 1982).



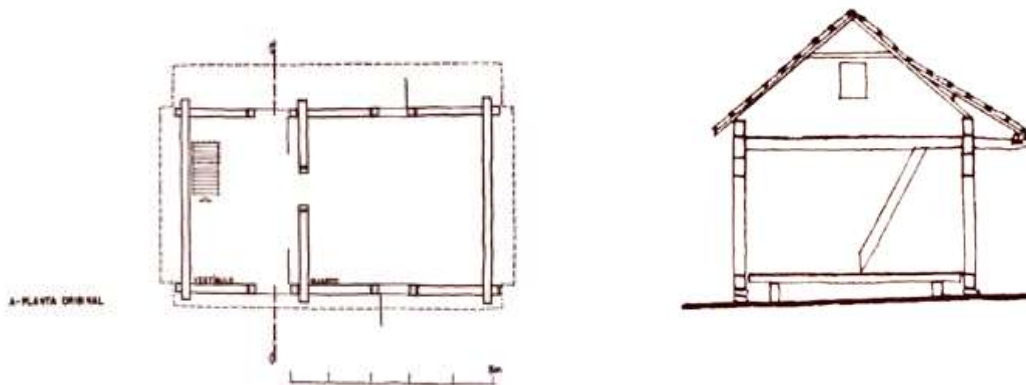


Figura 2: Planta e Corte esquemáticos de uma casa de Troncos. Fonte: adaptado de VALENTINI, 1982

As fundações destas edificações eram superficiais, geralmente formadas com troncos de seção 25x30 cm, aproximadamente, dispostos nas extremidades e espaçados entre si transversalmente ao longo do piso, composto por pranchas de araucária de 2 polegadas de espessura e 30 centímetros de largura. Também ocorriam casos em que a fundação era feita em alvenaria de seixos rolados. A elevação da edificação em relação ao solo possibilita a ventilação do piso para a conservação dos componentes, também permitindo o nivelamento do piso em caso de terrenos acidentados (BERNARDO, 2014).

As paredes eram compostas por vigas de troncos falquejados em diferentes seções. A produção destas vigas era bastante rudimentar, sendo os troncos manufaturados à golpes de facão ou machado, auxiliados por cunhas de ferro, o que contribuía para o aspecto bruto e irregular. Não eram empregados quaisquer tipos de parafusos, pregos ou cravos para a fixação das peças, que eram sobrepostas e encaixadas. Havia diversas tipologias de sambladuras que poderiam ser utilizadas, sendo que a mais comum era a denominada “rabo de andorinha”, que devido a seu formato trapezoidal, contribuía para uma maior solidez (BERNARDO, 2014).

O sistema estrutural condiciona a volumetria da edificação, permitindo pouca variação formal (figura 3). O peso próprio do material também contribui, especialmente em relação ao pé direito da edificação, sempre baixo. Tendo em vista que uma viga de pinho de 6 metros de comprimento, com seção próxima a 30x30 cm, pesa aproximadamente 350 kg, há a dificuldade de içamento



das peças, devido a inexistência de equipamentos mecânicos para a realização desta tarefa nas regiões de implantação das colônias (LAROCCA JR.; LAROCCA; LIMA, 2008).



Figura 3: Casa de troncos em Curitiba, PR. Fonte: Sgarbossa (2019)

Os vãos dos troncos eram preenchidos com argamassa de barro e palha picada, em um trabalho que envolvia toda a família, mesmo idosos e crianças. Mesmo que exista a percepção de que essas casas não possuem nenhum material de revestimento, na realidade, o acabamento era feito com pintura a base de cal, com o objetivo de proteger a madeira das intempéries. Também era habitual aplicar nas paredes internas trançados de taquaras recobertos com argamassa de barro alisado com machadinha, que posteriormente era pintado com cal, o que conferia às paredes um aspecto liso e também possuía a função de aumentar a durabilidade da edificação (ALVES, 2014).

As aberturas deveriam ser previamente estabelecidas, no entanto, a solução adotada era bastante simplificada. As vergas, contravergas e soleiras eram compostas pelos mesmos troncos que compunham as paredes, já as ombreiras eram peças falquejadas em seção semelhante e encaixadas na vertical. As portas possuíam entre 70 a 90 centímetros de largura, e altura próxima a 2,00 metros, as medidas das janelas variavam em 60 x 60, 70 x 70 a 70 x 90 centímetros. Para o fechamento adotavam-se folhas únicas, no sistema de abrir, formadas por duas ou três tábuas



fixadas em juntas secas e unidas por ripas na face interna, sendo que folhas duplas eram comuns nos paióis (VALENTINI, 1982; BERNARDO, 2014).

A estrutura de cobertura é composta por uma tesoura de linha suspensa com planos de cobertura de forte inclinação, variando entre 30° a 45 °, que na terra natal auxiliavam a escoar a neve, enquanto no novo lar escoavam as águas pluviais e permitiam a ocupação do sótão. As peças que conformavam a estrutura possuíam acabamento rustico e seções irregulares. Assim como as outras peças que compõem a construção, são apenas encaixadas umas às outras. Os mesmos elementos de piso que eram utilizados no térreo, compunham o piso do sótão, não havendo a utilização de qualquer tipologia de forro (BERNARDO, 2014).

Como elemento de cobertura, inicialmente utilizavam cascas de pinheiros ou fibras vegetais encontradas no local, que posteriormente foram substituídas por telhas de pequenas tábuas de araucária denominadas de *gonty*, obtidas com macetes e cunhas de ferro, colocadas no sentido das fibras da araucária, afim de facilitar o escoamento de águas pluviais e diminuir a absorção de água pelo material. Os vãos destas telhas também eram preenchidos com argamassa de barro. Com a industrialização, tal solução passou a ser substituída por telhas cerâmicas dos tipos “Marselha” e “Alemã”. No fechamento da empena lateral são aplicadas tábuas no sentido vertical, o encontro das tábuas com os troncos recebe um pequeno telhado, cujo objetivo era impedir infiltrações (BERNARDO, 2014).

A população eslava também emprega em suas residências diversos símbolos e inscrições, relacionados à atração de felicidade, sucesso e proteção. Algumas destas simbologias possuem significados específicos, como pinturas em formato de flores em cal ou argila ao redor de portas e janelas, que indicariam a presença de moças em idade de casar, enquanto a colocação de ferraduras nas soleiras das portas seria uma indicação para afastar os maus espíritos. Outros elementos possuíam caráter religioso, como a presença de cruzes de madeira, bem como inscrições com datas, que indicariam a data em que o pároco da colônia esteve na casa pela primeira vez (VALENTINI, 1982).

CONTRIBUIÇÕES

Entre os anos de 1890 e 1910 inicia-se o período de transição das casas de tronco, para o sistema tipo “tábua e mata-junta”, predominante na paisagem paranaense até os anos de 1970. A modificação do sistema construtivo se relaciona tanto com a mecanização da indústria, que



possibilitou um maior desenvolvimento das serrarias no Paraná, permitindo a execução de peças padronizadas, e com a compreensão, por parte do imigrante, das condições climáticas da região, que possuía temperaturas mais amenas do que a região da Galícia, permitindo a diminuição da espessura das paredes, e conseqüentemente, levando a um consumo menor do material (LAROCCA JR.; LAROCCA; LIMA, 2008).

Inicialmente, a adaptação do sistema *dom wegowy* aconteceu pela mudança do perfil das vigas utilizadas, abandonando os troncos e adotando pranchões de araucária de seção aproximada em 11 x 45 centímetros, também fixadas por sambladuras (BERNARDO, 2014). Neste momento, apenas este elemento foi modificado, as outras características presentes no sistema se mantiveram as mesmas. Contudo, a aproximação do colono com o caboclo paranaense, induziu à modificações mais profundas no sistema, essencialmente relacionadas com o sentido de aplicação das pranchas de araucária.

A denominada “Casa Cabocla” (figura 4) apresentava afinidade volumétrica com a arquitetura do imigrante, possuindo algumas variações relacionadas com o clima local e a ausência de ferramentas sofisticadas para a execução de entalhes e outros elementos. Possuía partido solucionado em planta retangular, tendendo ao quadrado, com dimensões reduzidas e compartimentação simples, geralmente subdividida em cozinha e um dormitório coletivo. Sua cobertura é alta e inclinada, apesar da ausência de neve na região, composta por tabuinhas de madeira.



Figura 4: Casa Cabocla localizada na Colônia de Vera Guarany, distrito do Município de Paulo de Frontin - PR. Fonte: STRAUBE; URBEN-FILHO, 2006



O fechamento da edificação era constituído por tábuas rústicas de madeira, colocadas no sentido vertical, afim de facilitar o acúmulo de águas pluviais no material, contribuindo para sua conservação. Havia poucas aberturas nas edificações, sendo que seus fechamentos eram feitos no sistema “de abrir”, também com tábuas de madeira. Apesar de existirem exemplares com cozinhas em que não eram colocados quaisquer revestimentos de piso, era mais comum a presença de assoalhos levemente afastados do solo, apoiados em pilaretes de alvenaria de pedras ou troncos de madeira dura. Não foram identificados exemplares que possuíssem varandas, ornamentos ou pintura (LAROCCA JR.; LAROCCA; LIMA, 2008).

A arquitetura produzida pela população local, influencia fortemente a população de imigrantes eslavos, que, aos poucos abandona o sistema *dom wegowy* e adota um novo sistema, inspirado pelas soluções caboclas, especialmente pela adoção de tábuas no sentido vertical. Esse novo método ficou conhecido como “casa de esteios” (figura 5), pois possuía esteios enterrados no solo como elementos estruturais e sua vedação independente da estrutura. Apesar de indicarem a tentativa de racionalizar o consumo de madeira, ainda são visíveis nestas moradias elementos estruturais superdimensionados (LAROCCA JR; LAROCCA; LIMA, 2008).



Figura 5: Exemplares de Casas de Esteios. Fonte: (LAROCCA JR; LAROCCA; LIMA, 2008).

Inicialmente, as vedações eram compostas por tábuas de pouca espessura e possuíam as paredes duplas, sendo que a ligação entre os elementos era realizada por meio de encaixes entalhados nas peças. Assim como as casas caboclas e as edificações *dom wegowy*, o programa da edificação era simples, composto por poucos ambientes, com esquadrias pouco sofisticadas, sótão reduzido e assoalho levemente afastado do solo. Apesar de ainda serem pobres em ornamentação, são nessas edificações que aparecem os lambrequins primitivos e aplicação de



cores nas paredes, típicos na arquitetura popular do estado (LAROCCA JR; LAROCCA; LIMA, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo referente à migração europeia para o Paraná, e, conseqüentemente, a arquitetura produzida por essa população é relevante no sentido de compreender a base do desenvolvimento sociocultural da região. Os imigrantes eslavos possibilitaram o incremento das atividades rurais, ainda hoje um dos pilares econômicos do estado, introduziram novos produtos e relações sociais, e muitas de suas antigas colônias se transformaram em importantes bairros da cidade de Curitiba e mesmo em outras importantes cidades.

A arquitetura vernácula produzida pelos imigrantes de origem eslava no Paraná possui características volumétricas menos elaboradas, com soluções espaciais simples e adoção de técnicas construtivas que alcançavam um acabamento mais rústico. Isso se relaciona com o fato de que a grande massa que aqui chegou, era originada das camadas mais humildes da população, que ainda vivia sob um regime de servidão. Por outro lado, a adoção preliminar de modelos existentes na Europa, ao invés do modelo caboclo, demonstra a necessidade de manter a memória afetiva e as tradições da terra natal vivas, bem como a tentativa de estabelecer um vínculo emocional com a nova terra.

Não é possível estabelecer que a população eslava introduziu a tradição da aplicação da madeira na arquitetura local, tendo em vista que os nativos indígenas e caboclos já empregavam o material. São poucas as edificações que restaram deste modelo, devido às características técnicas do material, ao incremento da indústria madeireira e inovações no modo de morar. Assim, a importância destas edificações é bastante significativa, por demonstrar como era o modo de vida de uma comunidade fundamental para o desenvolvimento do estado do Paraná.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alan Ripoll. **Meio ambiente e arquitetura** – a participação identitária do agricultor familiar no contexto da imigração polonesa, na região metropolitana de Curitiba. Curitiba. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 364 p. 2014.

BANIOWSKA-KOPACZ, Ewa. Folk architecture of Podhale. **Ethnologia Polona**, Varsóvia, v. 35, p. 79-99. 2014.



BATISTA, Fábio Domingos. **A casa de madeira**: um saber popular. Curitiba: Instituto ArquiBrasil, 2011.

BERNARDO, Janice. **Colônia Murici**: métodos para diagnóstico em projetos de restauração e preservação do patrimônio histórico. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 166 p. 2014.

BORUSZENKCO, Oksana. Imigração ucraniana no Paraná. In: **Anais do VI Simpósio de História**. Porto Alegre, 1969.

IMAGUIRE JR., Key. **A arquitetura no Paraná**: uma contribuição metodológica para a história da arte. Curitiba. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 134 p. 1982.

LAROCCA JÚNIOR, Joel; LAROCCA, Pier Luigi; LIMA, Clarissa de Almeida. **Casa eslavo-paranaense**: arquitetura de madeira dos colonos poloneses e ucranianos do sul do Paraná. Ponta Grossa: Editora Larocca Associados, 2008.

PHILIPP, Hans. Timbered architecture in Poland. **Journal of the Society of Architectural Historians**. v. 6, n. 3/4 . Jul – Dec. p. 14-17, 1947. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/987379>. Acesso em 04 fev. 2020

RAMOS, Odinei Fabiano. A dinâmica da(s) identidade(s) ucraniana(s)/polonesa(s)/brasileira(s) em Prudentópolis. In: **XVIII Seminário de Pesquisa de Grupos PET**. Irati: Editora Unicentro, 2006.

STRAUBE, Fernando Costa; URBEN – FILHO, Alberto. Dicionário geográfico das expedições zoológicas polonesas ao Paraná. **Atualidades Ornitológicas 133**. 2006. Disponível em <https://encr.pw/y6GJ7>. Acesso em: 22 de abril de 2024.

TEIXEIRA, Claudia Mudado. Considerações sobre a arquitetura vernácula. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. v. 15. n. 17. 2º sem. 2008.

VALENTINI, Jussara. **A arquitetura do imigrante polonês na região de Curitiba**. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1982.

VICROSKI, Fabrício José Nazzari. Pré-História da Polônia: A Cultura Lusaciana no Sítio Arqueológico de Biskupin. **Revista Cekaw**. Porto Alegre, ano VII. n. 11. 2013.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

